



**corto por um atalho
em terras estrangeiras
carlos gomes**

CARLOS GOMES

corto por um atalho em terras estrangeiras

Recife - PE
2011

Copyright © 2011 by Carlos Gomes
Todos os direitos reservados
Registrado pelo autor no Escritório
de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional

Capa, Revisão e Diagramação
Fernanda Maia

GOMES, Carlos. *corto por um atalho em terras estrangeiras*.
Recife: 2011.

Agradecimentos
Felipe Aguiar e Thiago Pininga

Contato
gomesemaia@hotmail.com
www.gomesemaia.blogspot.com

*a Tatiana Luna,
por sua primeira leitura.*

*a Fernanda Maia,
por suas constantes leituras.*

Fitando a escuridão, eu me vi como uma criatura tangida e ludibriada por quimeras. Meus olhos queimavam de angústia e ódio. (James Joyce, *Arábia*)

O propósito que o guiava não era impossível, ainda que sobrenatural. Queria sonhar um homem: queria sonhá-lo com integridade minuciosa e impô-lo à realidade. Esse projeto mágico esgotara o espaço inteiro de sua alma. (Jorge Luís Borges, *As ruínas circulares*)

Para mim, o ato de escrever é um ato de descobertas. Antes de começar a escrever é como se o mundo fosse negro. Escrevendo vou desvendando os caminhos que pretendo alcançar. (Osman Lins, *Revista Viver e Escrever*)

PREFÁCIO

: 26 contos em fúria

“são estórias em nenhuns lugares. pois bem, reafirmo o que não está dito: nenhum aonde ir”. Com esta citação do conto que dá nome ao livro, *corto por um atalho em terras estrangeiras* (2011), o prefácio estaria pronto. Mas a minha tarefa vai além.

Necessário é ter em vista que Carlos Gomes começou a sua carreira nos versos. E não abandonou, antes despertou, “atônito, desperta o jovem de um poema”. Não por acaso, James Joyce figura na epígrafe. Carlos é um *Retrato do Artista quando Jovem*. De início, lemos do conto *chove* uma combinada repetição de vogais, própria de poetas (eo - eu): “o rio não **quebrou**. **vermelhos** os **céus**. **vermelhos** olhos **teus**. os **meus**, **negros**”. Após a noite ter calado – e no escuro nem todos os gatos são pardos – a prosa tem início em alerta a quaisquer repetições rítmicas que soem poemas em horizontal: “nos sonhos prováveis ainda o medo, o ranger das vozes alteradas”. O medo da personagem é o mesmo medo do autor, que ao

chover o rio (de versos) transborde. E transborda sim. No mar de prosa.

Mas nem tudo é formalismo em um livro de contos onde nenhuma palavra é escrita em maiúscula, e todas são iguais perante elas mesmas, iguais perante as frases que seguem. Como se todas reivindicassem o mesmo *status*, sem hierarquia de tempo e espaço. Se alguma letra reivindicar a sua “maiusculidade”, não será por leis gramaticais, mas por efeito estético, nenhuma terá o privilégio de visibilidade sobre as outras.

Há um teor de testemunho? O tema é a injustiça social, abandono, solidão, morte, desespero, angústia. As personagens ganham em cidadania, mas de cidade alguma. E o que fazer com a cidadania de nenhuma cidade? “são todos fugitivos, sujeira varrida para o canto: memória”. Triste constatação: A cidadania (civil, religiosa etc.) é apenas uma memória, ou melhor, um CENÁRIO¹.

E os CORPOS? Estão mortos. Nihilismo? Nada. Os corpos estão presos à alma e não o contrário.

¹ CENÁRIOS, CORPOS, ESTUDOS e VOZES são os títulos que subdividem os contos do livro.

Corpos presos a paixões e à decadência. Corpos nus, principalmente.

Ao longo da leitura verificar-se-á muitas situações de rimas, até triolés, como em ***depois daquela dança***. No livro *Retórica da Poesia*, de Jacques Dubois, se explica essa função: “O triolé ocupa um lugar realmente à parte, entre as repetições. O agrupamento de três palavras com as mesmas iniciais ganha, muitas vezes, valor de adágio, e se presta bem para assinalar uma sucessão” (Ed. Cultrix, 1980, p.159). Como dito, é necessário ter em mente que Carlos é antes de tudo Poeta e “poetas não cumprem promessas, poetas são escravos. eu sou escravo das canções”. Há um laço autobiográfico como em Joyce do *Retrato*, bem como dos neologismos (“chorriem” solitário no conto *dois pesos*) e do Fluxo de Consciência. Há também reflexões sobre o ofício do artista, do escritor.

Os ESTUDOS são de uma “tentativa dissimulada de poema” e “falsas considerações”. Não é nenhuma crítica negativa. Explico: “são as palavras, chefe, são as palavras” e “ninguém mais cai em truque de palavras, ninguém”. É preciso um fôlego diferente

na terceira parte para se chegar num dos contos mais belos, surpreendentemente, *debaixo de uma estrada*.

O tom deste livro se assemelha ao *O Peso do Medo: 30 poemas em fúria*, do poeta Wellington de Melo; poderíamos mesmo colocá-lo com um subtítulo assim: *corto por um atalho em terras estrangeiras: 26 contos em fúria*. Contudo, ficaria um título grande demais. Que se acrescente neste prefácio, então. Mas, que se frise bem, os dois livros são bem diferentes, com propostas diferentes, e se é possível uma comparação é somente pelo fato dos poetas serem a antena da raça, apenas.

Por fim, “cantarola na cabeça uma melodia que não sabe de onde”... são VOZES – integradas – na artista, na professora, na jornalista. Acrescento ao final: no leitor.

por Thiago Pininga².

² Estudante de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Colabora nos sites *Escritores & Tal*, *Interpoética* e *NotaPE* e edita o blog *thiagopiningablog.wordpress.com*. Além disso, comenta livros de literatura no programa *Observatório Literário*, da Rádio Folha (FM 96.7).

SUMÁRIO

I - CENÁRIOS

<i>chove</i>	15
<i>nasceu</i>	18
<i>sozinha</i>	24
<i>corto por um atalho em terras estrangeiras</i>	25
<i>caminho</i>	30
<i>eu sonhando</i>	31
<i>abundância de ornamentos</i>	34

II - CORPOS

<i>adeus</i>	36
<i>tu tens a lágrima cerrada</i>	42
<i>o jovem samaritano</i>	47
<i>depois daquela dança</i>	49
<i>dois pesos</i>	52
<i>estrada karen</i>	55
<i>uma carrancuda e desnuda morena</i>	59
<i>nenhuma</i>	61

III - ESTUDOS

<i>as falsas considerações</i>	65
<i>acho que deveríamos ter somente</i>	66
<i>copos plásticos</i>	68
<i>debaixo de uma estrada</i>	69
<i>atrás de uma árvore</i>	71
<i>livros</i>	73
<i>masca</i>	77

IV – VOZES

<i>três irmãs</i>	79
<i>a artista</i>	80
<i>a professora</i>	84
<i>a jornalista</i>	88

corto por um atalho em terras estrangeiras

I - CENÁRIOS

chove

chove. o rio não quebrou. vermelhos os céus,
vermelhos olhos teus. os meus, negros. noite que
cala todo o barulho. nos sonhos prováveis ainda o
medo, o ranger das vozes alteradas. sono profundo.
um ronco que não é de motor. piada estranha. a voz
alheia, a voz alheia. quem rouba teu sono, criança?
quem? escola fechada pela manhã. ter a manhã para
dormir mais, dormir mais para quê?

pouco a pouco levantam. esticam, encolhem, lavam,
passam, comem, movimentam, escovam, partem,
beijam, dizem adeus.

não chove. o homem avisa que o rio não quebrará. o
céu amanhece azul. os meus olhos ainda negros, os
teus olhos inda vermelhos. sem silêncio, sem sonhos,
rememorações dos sonhos, imprecisão. a porta que
bate, a criança que fica, o medo que sai, o medo que
volta. “volta cedo, painho”.

doze carros: doze homens. um micro-ônibus, com
capacidade para dezesseis pessoas, carrega dezesseis
pessoas vezes três. duas bicicletas alimentam uma

família. uma moto carrega outras três. chove três ou quatro vezes o esperado para um mês de trinta ou trinta e um dias. o tempo parece correr três ou quatro vezes mais rápido. “ela está acordada?” “estava chorando, mas já faz tempo que parou”.

um aceno. esticados os braços. pressionadas as pernas. sete passos para fora. quem me espia no trabalho? comentamos a chuva. rimos de quem anda do lado de fora. do lado de dentro umas caras abusadas. do lado de fora, sapatos furados, meias encardidas. do lado de dentro, pés secos, mãos ásperas. nobreza, nobreza. e-mails para rir. vírus. e-mails para guardar. lixo. e-mails para não responder. sites bloqueados. palavras, terças palavras. blog. reunião às pressas. sermão, sermão. as portas batem, os relâmpagos surpreendem em plena tarde. a hora do amém, do graças a deus deu minha hora de partir.

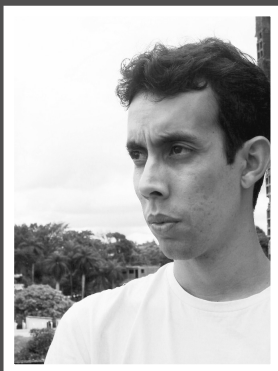
a criança chora com medo dos trovões. “são cavalos que trotam alto, filha!”, eu digo a ela. “mentira”, ela me diz. acelero. acelero. acelero. freio. permaneço a ser a lebre em casco de tartaruga. ao lado, lá fora. um casal anda sincronicamente afastado um do outro.

cada qual com seu guarda-chuva, seus lamentos,
suas dores, seu imenso amor. rio.

o rádio faz anúncios sobre o futebol. ontem
quebrava o rio. hoje, as filas para comprar ingresso
para a partida decisiva do final de semana ganham
algumas linhas de página. algumas linhas a mais
em comparação às notícias dos que vivem em casas
eternamente inundadas sob alguma linha imaginária
da pobreza.

rio.

Carlos Gomes (1981), natural de Recife, em Pernambuco. Disponibilizou na internet, em 2009, uma coletânea de poemas, contos e crônicas: “Primeiro caderno de Carlos Gomes”. Os textos e o livro completo alcançaram a marca de mais de 3.000 downloads. Já os contos de “corto por um atalho em terras estrangeiras” foram escritos nos últimos três anos. Como poeta, compôs o poema narrativo “êxodo,”, selecionado no concurso SESC/DF de poesia, edição 2010. Além disso, edita o blog Outros Críticos, colabora com o site Escritores & Tal e possui trabalhos em coautoria em contos ilustrados (Gomes & Maia) e música (Adiós Poeta).



Fernanda Maia